

A EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO ASCÉTICO E DE RENÚNCIA SEXUAL NO MUNDO ROMANO NA ANTIGUIDADE TARDIA

The evolution of ascetic movement and sexual resignation
in the roman world in late antiquity

Fabiano de Souza Coelho*

Resumo: No Império Romano, no decorrer do século IV E.C., tivemos o desenvolvimento da experiência ascética e, por consequência, de renúncia sexual. O movimento ascético foi uma relevante característica do início das manifestações cristãs. Os primeiros ascéticos acreditavam que o ser humano poderia ser transformado pelas práticas realizadas por essa tendência religiosa, pois não viveriam de forma habitual e comum, mas cultivariam extraordinárias formas de existência humana. No presente, trabalho objetivamos demonstrar o aflorar do ascetismo no Mundo Romano na Antiguidade Tardia.

Palavras-chave: Ascetismo; Cristianismo; Antiguidade.

Abstract: In the Roman Empire, during the fourth century CE, had the development of the ascetic experience and, consequently, of sexual renunciation. The ascetical movement was an important characteristic of the beginning of Christian manifestations. The early ascetics believed that the human being could be transformed by the practices carried out by this religious tendency, for they would not live in a habitual and common way, but would cultivate extraordinary forms of human existence. In the present work we aim to demonstrate the emergence of asceticism in the Roman World in Late Antiquity.

Keywords: Asceticism; Christianity; Antiquity

Introdução

A palavra ascese tem origem grega e helenística, a qual conota o termo verbal *askeo*, *askein*, de que derivam os substantivos *áskesis* e *asketês*—asceta. Entre os gregos antigos, como Tucídides ou Xenofonte, ascese significava treinamento do espírito, exercício de vontade e de intelecto. No entanto, com os estóicos, essa ganhou um significado de renúncia, para que fossem dominadas e eliminadas as concupiscências humanas. Porém, o pensamento helenístico e, particularmente, Fílon de Alexandria, repensaram a ascese como uma luta e renúncia religiosa. Outrossim, na cultura grega, a ascese foi associada ao culto aos heróis e criou-se um grupo de sobre-humanos que praticavam a ascese heroica. Além do mais, a tradição platônica pensou a ascese associada com o desprezo do corpo (Di Berardino, 2002).

O termo *askesis*, para autores politeístas, significava algo em torno da disciplina física que uma atleta deveria praticar, a meta de um filósofo, da qual tinha de ter autodomínio. Alguns

* Doutor em História Comparada (PPGHC/IH/UFRJ), orientado pelo Professor Doutor André Leonardo Chevitarese (UFRJ). E-mail: fabiano.souza23@gmail.com

pensadores politeístas dos primeiros séculos E.C.¹ propagavam que a dieta moderada e o controle da atividade sexual seriam formas de autocontrole e cuidado de si mesmo. Ademais, a continência sexual entre os antigos romanos provinha também de reflexões dos médicos, os quais entendiam que o excesso de atividade sexual era prejudicial à saúde. Por outro lado, autores cristãos afirmavam que a renúncia não estaria associada ao bem estar humano, mas para construir um caminho de estreita relação com a divindade (Clark, 2001; Rousselle, 1983).

Destarte, no sentido original, o vocábulo *ascese* indicava qualquer exercício – no âmbito físico, moral e intelectual – feito com certo método e com objetivo de ter um aperfeiçoamento. Com efeito, essa expressão derivada da língua grega ganhou um sentido específico e, de uma maneira geral, compreende-se por ascetismo o conjunto de esforços mediante os quais se almeja crescer na vida moral e religiosa (Bernard, 1993).

Assim posto, concordamos com Susanna Elm, que deu uma definição interessante de *ascese* associada às experiências religiosas cristãs. Logo, ela entendeu a vida ascética “[...] inicialmente como um método para homens e mulheres transcender, como virgens de Deus, as limitações da humanidade em relação com o divino. Isso lentamente mudou [...] para simbolizar o poder da Igreja de superar as fraquezas humanas [...]” (Elm, 1994, p. 384).

Salientou Elizabeth A. Clark (2001), de forma assertiva, que muitos escritores das comunidades cristãs acreditavam que existia uma íntima ligação entre a alma/espírito e o corpo humano, e que os movimentos de um teriam efeitos diretos no outro. Dessa maneira, a alma deveria dominar o corpo e a disciplina do corpo poderia melhorar o domínio de si mesmo. Portanto, não era uma espécie de dualismo radical, entre alma e corpo, mas uma ideia otimista de aperfeiçoamento moral, pois a alma e o corpo poderiam se tornar melhores com as práticas ascéticas.

Em contrapartida, Eva Cantarella (1994), a partir da leitura de fontes e bibliografias, defende a ideia de que o movimento ascético não surgiu com a religião cristã, pois existiu uma tradição politeísta na qual se produziu um discurso em torno da renúncia sexual. Assim sendo, a ideia de luta entre carne e espírito, razão e impulso, componentes materiais e imateriais da existência humana, não foi uma inovação dos Cristianismos. Em Roma, nos dois primeiros séculos da era cristã, tínhamos uma forte aspiração em torno da continência sexual que se converteu parte da cultura dominante. Por conseguinte, para essa autora, o ascetismo politeísta transformou o Cristianismo ascético.

Colocado isso, acreditamos que a religião cristã, no decorrer dos primeiros séculos de sua existência, teve como tendência a “assimilação”² e redimensionamento dos valores das sociedades que a cercavam. Por conseguinte, tanto no sentido *latosensu* quanto no *stricto sensu*, entendemos que não existe uma religião pura e que o Cristianismo “[...] é um grandioso sincretismo [...]” (Boff, 1983, p. 137).

Expõe-nos Leonardo Boff (1983) que o sincretismo tem diferentes definições, a saber: a) sincretismo como adição: diz-se que existe um processo de sincretismo quando ainda não se elaborou uma nova religião como um todo diferenciado, mas vigora uma adição ou alternância de crenças; b) sincretismo como acomodação: fala-se quando uma religião de dominados se adapta à religião dos dominadores, seja como estratégia de sobrevivência, seja como modo de resistência; c)

¹ Todas as datas deste artigo são da Era Comum (E.C.), salvo quando expreso em contrário.

² Os cristãos se apropriaram das ideias judaicas e também utilizaram as ideias da cultura clássica greco-romana para formularem sua doutrina e ensinamentos. Utilizou Arnaldo Momigliano (1983), a proposição “assimilação”, para confirmar a escrita feita anteriormente, dado que ele mesmo atesta que, no âmbito da alta historiografia, não tivemos nada comparável com a simples cristianização dos breviários politeístas.

sincretismo como mistura: entende-se esse como mistura superficial e justaposição, pois todo sincretismo implica uma espécie de mistura; d) sincretismo como concordismo: segundo essa visão, não existe uma revelação única, mas vias diversas para se chegar à realidade divina. Todas essas devem ser harmonizadas e deve-se criar uma religião universal para toda humanidade; e) sincretismo como tradução: diz-se que há sincretismo quando determinada religião faz uso de categorias, expressões culturais e tradições de outra religião para comunicar e traduzir a sua própria mensagem essencial; f) sincretismo como refundição: a religião se abre às diferentes expressões religiosas, assimila-as, reinterpreta-se, refunde-as a partir dos critérios da sua própria identidade.

Pode-se salientar que os textos tidos como sagrados para cristãos – do Antigo e do Novo Testamento – constituem-se em escritos sincretistas, visto que esses assimilaram elementos da própria cultura e de outras. Assim, nas fontes neotestamentárias, temos matéria do próprio Jesus de Nazaré, apostólica, judaica, judaico-cristã, essencialmente cristã, romana, grega, gnóstica, estoica (Boff, 1983).

Na realidade, o sentimento do divino aparece, por certo, contrastado, se não contraditório, por meio da diversidade das culturas, e também, por vezes, mais sutilmente, mesmo no âmago de cada uma delas (Romano, 1987). Desta feita, o mundo greco-romano Antigo, com sua ampla diversidade cultural, contribuiu de forma significativa na construção dos novos valores morais e comportamentais de homens e mulheres que aderiam a essa nova religião. De igual maneira, o Cristianismo assimilou elementos culturais provenientes do Judaísmo e, conseqüentemente, essa última experiência religiosa recebeu uma gama de influências em todo seu processo histórico até o advento da religião cristã³.

Com o surgimento da religião cristã dentro do Império Romano, especialmente nos meios urbanos, percebe-se uma espécie de “apropriação” de certa moralidade que já perdurava naquela sociedade (Alexandrina da Silva, 2015).

Em vista disso, nessa conjuntura, a religião cristã, no nosso entendimento, encaixa-se na perspectiva do sincretismo como tradução e como refundição, de Leonardo Boff, em *Igreja: Carisma e Poder*, porque o Cristianismo assimilou e abriu-se a valores externos para repensar os seus elementos religiosos essenciais.

A moral cristã Antiga era muito próxima da estrutura comportamental que existia na sociedade que a precedeu. Especialmente o pensamento antigo estoico e neoplatônico influenciou muito a construção da representação do gênero humano feita pelo Cristianismo. Também, no que tange à sexualidade, a religião cristã tomou de empréstimo elementos culturais dos judeus, greco-latinos, gnósticos e mundo ao seu redor (Foucault, 1986; Le Goff, 1992).

Posto isso, acreditamos que o ascetismo na experiência cristã surgiu nos primórdios desse movimento religioso e agregou elementos de outras culturas que estavam ao seu entorno⁴. Destarte, no início não era uma característica religiosa vivenciada por muitas comunidades cristãs e nem movimento estruturado como o monasticismo existente posteriormente, mas tínhamos expressões

³ No Oriente, com a dominação persa, com as conquistas de Alexandre até a Índia, com as transações comerciais por terra e mar, temos uma significativa influência do ascetismo oriental na religião judaica tardia (Di Berardino, 2002).

⁴ Temos, possivelmente, certa influência do Gnosticismo e do Maniqueísmo no ascetismo egípcio. Em menor, as ideias de Mani teve uma boa recepção na região do Egito, vindas do Oriente. Os maniqueus se organizavam em “casas coletivas”, interpretavam textos paulinos sobre a renúncia sexual e da vida conjugal e os cristãos fazia uso dessa exegese. Da mesma forma, as práticas de renúncias dos eleitos do Maniqueísmo estavam bem próximas daquelas praticadas pelos monges: a continência e a abstinência de carne e vinho (Clark, 1999; Hunter, 2007).

relevantes de vida ascética no seio dessa nova religião e textos que nos falavam de tais práticas.

Com isso, existiram grupos no seio da religião cristã e Padres da Igreja que defenderam que Jesus de Nazaré e alguns de seus seguidores e seguidoras, em particular Paulo, viviam práticas ascéticas. Tais eram defensores da vida continente, virgem e celibatária e temos referências em textos bíblicos que davam ênfase à renúncia sexual e suas motivações – por exemplo, livros do Novo Testamento fazem alusão à vida ascética para ambos os sexos⁵.

Essa afirmação acima se ratifica, pois conforme atesta Elizabeth Clark (1999) os primeiros textos cristãos, no século I, apontam-nos a origem e as motivações do movimento asceta cristão, particularmente os Evangelhos Sinóticos, os escritos atribuídos a Paulo e os Livros Apócrifos.

Os ascetas do início do Cristianismo se inspiravam nos conselhos existentes nos textos das Escrituras e no exemplo da cruz, na qual foi morto Jesus de Nazaré. As primeiras comunidades cristãs também eram incentivadas por Paulo a lutarem contra carne – uma espécie de batalha do corpo contra o espírito – e aconselhadas a praticarem a continência sexual.

Nas comunidades fundadas pelo apóstolo Paulo, o corpo – em especial o corpo dos jovens – não devia usufruir dos momentos de indeterminação que lhe eram concedidos pelos gentios. Para Paulo, o corpo não era algo neutro, situado entre a natureza e a cidade, todavia era considerado o templo do espírito – esse era um lugar de ordem, sujeito a limites que era sacrilégio transpor. Então, a partir das reflexões existentes sobre o comportamento dos homens e mulheres de seu tempo, o ensino de Paulo instaurou uma nova ética sexual, e suas ideias foram usadas pelos autores eclesiais no decorrer dos séculos seguintes (Brown, 1990; Cantarella, 1994).

No século II, outrossim, tivemos o desenvolvimento de ideias gnósticas⁶ inseridas no pensamento cristão, e essa linha deu uma interpretação à primeira carta aos Coríntios de Paulo. Essa tendência demonstrou que naquela época já existia um grupo que buscava defender a renúncia sexual e desejava impor aos cristãos essa inclinação ascética (Hunter, 1992).

O ascetismo do início dos Cristianismos significava uma renúncia de diversas formas. Foi marcado por práticas de renúncias como vigílias, jejuns, dormir sobre solo duro e tempos prolongados de orações. Entretanto, grande parte dos trabalhos sobre temas ascéticos na Antiguidade cristã estavam relacionadas com a sexualidade humana – a virgindade, continência, o matrimônio e a procriação (Clark, 2001).

Nesse período, quando se construiu a ética sexual cristã, observou-se que essa foi redimensionada a partir dos valores existentes na sociedade na qual essa religião estava inserida, em

⁵ O Evangelho Sinótico de Mateus, no capítulo 5, no versículo 28, apresenta-nos a batalha contra os desejos libidinosos, e, também, no capítulo 19, nos versículos 10 a 12, retrata-nos sobre a continência voluntária. Igualmente, a primeira carta de Paulo aos Coríntios, no capítulo 7, nos versículos 1 a 40, demonstra-nos orientações sobre o casamento e virgindade. Além disso, existem outros textos bíblicos tanto do Antigo e do Novo Testamento, que foram usados por escritores cristãos como base para elaborar valores ascéticos e de renúncia sexual.

⁶ A gnose ou Gnosticismo foi uma experiência cristã que se difundiu fortemente entre os primeiros séculos de nossa era e que se estruturou em múltiplos e variados sistemas. Essa crença associou elementos das culturas politeístas aos cristãos. Essa experiência religiosa e filosófica objetivava a busca da autêntica realidade espiritual do ser humano. Assim, a gnose cristã foi marcada por uma forte visão dualística, para a qual a realidade material era algo ruim, mal e, por outro lado, o mundo espiritual era salutar, bom. A meta do Gnosticismo era levar o ser humano ao conhecimento da verdade que o libertaria dessa condição negativa, tornando-o livre para retornar para a genuína divindade. Isso condicionava o ser humano a uma volta à origem, como o Pleroma divino. O gnosticismo era reservado a um grupo, os intitulados eleitos (Alexandrina da Silva, 2015; Drobner, 2007; Di Berardino, 2002). Em suma, o Gnosticismo foi um movimento que assolou o mundo Mediterrâneo nos segundo e terceiro séculos e, nessa época, floresceram dezenas de grupos gnósticos (Clark, 1983).

particular a ética sexual estóica, que compreendia a sexualidade a partir da reprodução e não no prazer, facilmente associada aos escritos ascéticos paulinos. Além disso, a cultura judaica que não separava corpo e alma foi substituída na religião cristã por concepções dualistas de corpo/alma, corpo/espírito, advindas do mundo greco-romano (Moltmann-Wendel e Praetorius, 1996).

Os cristãos e as cristãs do século II gostariam que suas vidas tivessem um sinal de proximidade extraordinária com o ente divino, e, conseqüentemente, a abstinência sexual seria uma dessas marcas. Ademais, tanto politeístas quanto judeus acreditavam que a renúncia sexual, especialmente a virgindade, tornava o corpo do ser humano um instrumento apto para receber as inspirações divinas (Brown, 1990).

Dentro dessa característica cristã, existiram algumas manifestações e práticas de renúncia feita por homens e mulheres espalhados no mundo romano do início dessa religião até a Antiguidade Tardia. As formas de vida ascética sofriam variações de acordo com a localidade e se diferenciavam a partir dos grupos que as praticavam.

Apesar do muito difundido o exemplo de monge solitário no deserto, percebem-se outros modelos de práticas de vida ascética, a entender: a) o ascetismo urbano, que foi identificado pela forte conexão com o bispo e sua congregação particular no âmbito de seu governo pastoral; b) os ascéticos andarilhos, que circulavam em diversas comunidades e regiões de forma simples; c) uma espécie de ascetismo no prisma doméstico, muito praticado pelas mulheres cristãs viúvas e virgens, que faziam uso de suas casas, mansões ou palácios para viverem a atividade ascética; d) aqueles e aquelas que faziam doações de suas riquezas para exercer o ascetismo mais radicalmente; e) os casais casados que praticavam a continência sexual, coabitavam como irmãos numa mesma casa e em uma espécie de “casamento espiritual”; f) outro fenômeno interessante era aquele praticado por homens que habitavam, por anos, altos pilares e que causavam grande admiração ao público – esses eram chamados de estilitas (Clark, 1999).

Outro movimento, chamado de encratista, no século II, era adepto da ascese, com a rejeição das relações sexuais dos casados e a procriação, pois, para essa tendência, somente com a renúncia sexual se poderia voltar ao estado primário em que a divindade tinha criado os seres humanos (Hunter, 1992).

O encratismo – do grego *enkrateia* (castidade ou autocontrole) – era uma categoria de ascetismo extremo que, no Cristianismo Antigo, foi considerado suspeito, pois implicava a recusa dos bens criados pela divindade para uso e serviço do gênero humano. Essas experiências ascéticas, que renunciavam o casamento e o uso de alimentos com carne, existiam antes da religião cristã, no mundo politeísta – formas ascéticas provenientes do cinismo e de linhas platônicas tardias –, na Palestina – em meios aos essênios –, e no Egito – terapeutas. Essas correntes se misturaram à religião cristã desde os primórdios, junto com a afeição pela virgindade e continência escatológica (Di Berardino, 2002).

Nos séculos II e III, dessa maneira, temos Justino Mártir, Atenágoras e Tertuliano como Padres Apologistas e defensores de valores associados ao ascetismo. Esses refletiram sobre uma ética sexual e condenaram o segundo casamento. Em particular, Justino e Atenágoras, escreveram sobre os virgens de ambos os sexos como aqueles que faziam a glória do Cristianismo e que deveriam ser submetidos à autoridade eclesiástica. Igualmente, os livros considerados Apócrifos do Novo Testamento, tanto os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos, tinham a virgindade ou o rompimento da vida conjugal como sinais claros da nova moral – os *Atos de Paulo e Tecla*, desse mesmo período, mostrou-nos uma mensagem ascética pura e simples. Orígenes também fomentou os ideais ascéticos de mortificação e renúncia, em seus trabalhos e discursos. Enfim, no decorrer do quarto século,

os escritos ascéticos e práticas ascéticas chegaram ao seu florescimento pleno e, portanto, muito popular (Clark, 2001; Di Berardino, 2002).

Por sua vez, Tertuliano relatou sobre o casamento único e aconselhou as pessoas a viverem essa norma estabelecida pela divindade judaico-cristã nos primórdios da humanidade, com estas palavras:

A própria origem da raça humana se apoia na lei que prescreve um único casamento. Isso atesta que Deus estabeleceu no começo o que deveria ser observado pelas futuras gerações. Pois o homem foi criado, Deus previa que precisava de companhia, e tomou a costela dele e criou a mulher. Portanto, o homem de Deus, Adão, e a mulher de Deus, Eva, observaram um único casamento, estabelecendo uma norma para o povo de Deus na autoridade de sua própria origem e na primordial vontade de Deus (*An Exhortation to Chastity* 5, tradução nossa).

Em conformidade com essa exposição de Tertuliano, as comunidades religiosas cristãs nas cidades romanas, buscaram romper com os modos com os quais homens politeístas e judeus exauriam-se para moralizar e alegrar suas mulheres. Dessa maneira, os cristãos repudiaram o divórcio e censuravam um segundo casamento das mulheres viúvas (BROWN, 2009, p. 239).

Para Uta Ranke-Heinemann (1996), a renúncia ao prazer e ao corpo foi um legado da Antiguidade para a religião cristã. Não foram os cristãos que ensinaram aos politeístas a aversão ao prazer e o autocontrole, mais foram os politeístas que reconheceram que os cristãos eram tão avançados nesse quesito quanto eles mesmos.

Todavia, entendemos que o ascetismo existente nos primeiros séculos do Cristianismo não era algo majoritário e imposto para todos os adeptos desse sistema de crença. Tínhamos cristãos comuns que não praticavam atos extraordinários para terem uma vida religiosa mais intensa. Muitos desses eram casados e tinham filhos, cumpriam a máxima religiosa de crescer e multiplicar e obedecer às autoridades das comunidades cristãs; ocupavam posições ordinárias e até de destaque na estrutura social romana.

Por outro lado, uma significativa quantidade de ascetas eram considerados por muitos outros cristãos como praticantes de ações estranhas, porque realizavam pesados atos de mortificação corporal, isolavam-se, viviam sem cuidados higiênicos, choravam os erros do passado. Assim, os ascetas faziam tudo isso com intuito de, simbolicamente, regressarem ao estado de vida no paraíso (Clark, 2001).

O século IV foi um período de destaque do movimento ascético na Antiguidade cristã. Pode-se asseverar que houve uma espécie de apogeu dessa característica religiosa no Mundo Tardo Antigo. Destarte, os personagens ligados ao ascetismo se sobressaíram no meio social e muitos desses eram tidos como homens e mulheres santos, exercendo uma influência na sociedade por sua relação próxima com a divindade, pelos trabalhos assistenciais e pelas consideradas práticas de virtudes.

Em finais do terceiro e no início do quarto século, surgiu um movimento de contestação das realidades tidas como mundanas no seio do Cristianismo. Esse fenômeno esteve localizado nas regiões do Império onde perdurava a cultura helenística, em pormenor, na Síria e Egito. Dessa maneira, o movimento monástico levava a cabo de forma radical as concepções ascéticas do batismo, ancorado na renúncia sexual, na pobreza, na vida de oração e numa tradição tida como “profética” judaico-cristã.

O começo do monasticismo foi profundamente influenciado pela filosofia grega, com suas ideias de busca de uma forma de vida perfeita, a pureza das ideias, a iluminação divina, o equilíbrio

do corpo e mente. Assim, muitos elementos dessa cultura foram absorvidos pelo Cristianismo ascético e monástico. Logo, muitos monges foram considerados sucessores – não menos competidores – dos filósofos antigos gregos (Rubenson, 2008).

Nas comunidades cristãs na Antiguidade, as figuras dos monges e das monjas foram muito relevantes para estruturação, propagação da experiência ascética em todo Império Romano e sinais de rompimento com as realidades consideradas seculares. Nesse período, três regiões se destacaram com uma intensa atividade ascética: o Egito, a Síria e a Palestina⁷. Particularmente, percebemos que existiu uma significativa influência do monasticismo Oriental para os cristãos e as cristãs do Ocidente romano⁸, e esses últimos foram atraídos para conhecerem e viverem nessas localidades supracitadas.

A expressão grega *monachos*, registrado em papiros egípcios a partir de 323, elencou os pertencentes do grupo célibes, que abandonaram sua residência, renunciaram parte ou todos seus bens e tinham dignidades próximas dos clérigos cristãos. Essa experiência monástica cristã surgiu no Oriente Romano, incorporado a um fenômeno cristalinamente marginal. Desta feita, os monges assumiram uma forma bem definida e dois personagens contribuíram para seu desenvolvimento: Antão (Antônio)⁹ e Pacômio¹⁰. Os modelos desse grupo se fixavam em suas práticas: o solitário – anacoreta – e o cenobita, que vivia em uma comunidade organizada – *koinomia*. Enfim, esse tipo de ascetismo foi paulatinamente se difundindo e muitos foram seus seguidores (Di Berardino, 2002; Little, 2006; Rubenson, 2008; Torres Prieto, 2009).

De fato, o monasticismo se expandiu para grande parte das províncias do Oriente e Ocidente do Império Romano em torno do ano 370. Na parte final do quarto século, as cidades e os desertos do Império foram locais de vivência da experiência monástica e da vida contemplativa. Diante disso, nesse movimento cristão se inseriu um número significativo de mulheres, muitas dessas provenientes de famílias poderosas socialmente e materialmente. Desse modo, “[...] o monasticismo feminino foi influenciado pela experiência masculina dos monges [...]” (Sirago, 1993, p. 28-34).

Em vista disso, temos cinco possíveis motivações para a adesão ao ascetismo, principalmente no decorrer do quarto século, elencadas por Elizabeth Clark (1999 e 2001), pois, nesse período, houve uma progressão desse movimento no Cristianismo, o que contribuiu para que se tornasse popular essa tendência cristã. Nestes termos:

⁷ Essas três regiões no Mundo Antigo romano, nos últimos anos, têm recebido uma atenção especial de pesquisadores do ascetismo, pois o Egito, a Síria e a Palestina tiveram um forte desenvolvimento ascético (Clark, 1999). Em seguida, destacaram-se a região do norte da África, Ásia Menor e várias cidades do mundo greco-romano (Clark, 2001).

⁸ Em meados do século IV, a renúncia ascética também ganhou popularidade no Ocidente do Império Romano. Existiram virgens e monges não somente na Península Itálica, mas na Gália e Espanha (Clark, 1999).

⁹ No século III, em torno de vinte anos de idade, Antônio dedicou-se à vida ascética: primeiro numa aldeia, depois numa sepultura cavada próxima de uma encosta de um monte, não longe do Rio Nilo e, por fim, no deserto em meio a ruínas abandonadas. Assim, Atanásio relatou que sua vida foi repleta de profunda ascese, de combates com diversos tipos de demônios do deserto e uma intensa oração (Di Berardino, 2002).

¹⁰ Pacômio foi um dos fundadores do cenobitismo. Era proveniente de uma família politeísta do extremo sul do Egito, mas se converteu ao Cristianismo. A partir de seu batismo, no início do século IV, foi atraído pela vida monástica a serviço dos irmãos e ingressou na escola austera do solitário Palamão. Depois de ter uma experiência negativa de vida comunitária, compreendeu que era necessário impor aos membros do seu grupo uma estrita pobreza e rigorosa disciplina. Reuniu, em muitos mosteiros, uma significativa quantidade de monges e de irmãs, mantidos por uma economia vigorosa (Di Berardino, 2002).

- a) A tolerância de Constantino ao culto cristão no Império e a cristianização do mundo romano geraram cristãos mais fervorosos, que abraçaram os valores ascéticos. Nessa época, os cristãos devotos queriam se distinguir dos outros cristãos comuns e daqueles que viviam uma vida secular. Aderiram às renúncias ascéticas e abraçaram a vida religiosa como meio de se colocarem superiores na sociedade. Logo, esses ascéticos seriam personagens “diferentes” e “distintos” no seio social e religioso;
- b) Com o fim das perseguições romanas aos cristãos, em 313, os devotos buscaram novos caminhos para exercerem sua vida religiosa. Como uma alternativa ao martírio físico, esses se tornavam mártires espirituais, com a mortificação do corpo. A renúncia ascética foi uma forma de martírio espiritual, uma espécie de substituição aos antigos mártires. Em outros termos, os monges e as monjas seriam sucessores dos mártires cristãos, uma vez que esses receberiam da divindade as mesmas recompensas na vida após a morte;
- c) O desenvolvimento da hierarquia da Igreja Católica, a formalização do culto cristão e a submissão à autoridade clerical, no decorrer do século IV, fez com que muitas pessoas aderissem ao ascetismo como uma forma de ter uma vida mais livre, escapar dos ritos litúrgicos e controle das autoridades cristãs. Entretanto, essa motivação pode ser questionada, porque entre os monges tínhamos sacerdotes e até homens que se tornaram bispos;
- d) A opressão das obrigações seculares, imposta aos cidadãos romanos durante esse período, era um estímulo para fuga ao deserto, para escaparem das pesadas imposições civis. Isto é, uma espécie de fuga dos deveres públicos, da manutenção das atividades civis e dos encargos dos impostos cobrados. Temos uma tendência que entende que o peso da vida civil fez com que muitos fugissem para o deserto e vivessem o ascetismo. Contudo, essa proposição tem também suas limitações, porque no decorrer do quarto século surgiu uma legislação imperial que fazia com que as pessoas que abandonassem seus deveres municipais poderiam perder o direito das propriedades de sua família;
- e) Outra motivação existente esteve em torno das mulheres, pois nessa época o monasticismo se tornou muito popular entre elas. Existem muitas evidências de que as mulheres desejaram assumir uma vida de renúncia sexual. As provas estão nos discursos retóricos dos Padres da Igreja que apresentaram diversos modelos do ascetismo feminino e mostraram que tais mulheres eram livres das obrigações e preocupações das mulheres casadas, que cuidavam das suas casas e famílias. Entretanto, não temos como saber se de fato a renúncia sexual feminina fazia com que elas se sentissem livres.

Colocado tudo isso, as experiências ascéticas típicas no Mundo Tardo Antigo que mais nos interessam estavam ligadas com que foi mostrado acima¹¹ e também abordado no capítulo *Gestos e sinais da família no Império Romano*, de Aline Rousselle.

Nesta perspectiva, com desejo de livrar os seus filhos e filhas do pecado da carne, os casais romanos foram motivados pelos pregadores cristãos ascéticos a aconselharem a sua prole a exercerem uma vida de vigilância. Com isso, as mulheres aderiam ao movimento de virgindade e

¹¹ Conforme o item “e” apresentado anteriormente, refletido por Elizabeth Clark (1999).

continência. Muitas esposas ascéticas disseminavam o ideal monástico de continência para suas filhas e seus filhos dentro do ambiente doméstico (Rousselle, 1996).

Igualmente, como aquela prática ascética abordada por Gilvan Ventura da Silva (2006, p. 315), é assim demonstrada: “[...] ainda que tenhamos conhecimento da existência de um anacoretismo feminino, a modalidade mais difundida de ascese monástica entre as mulheres foi mesmo o cenobitismo [...]”. Em outros termos, essa era a ascese vivenciada de forma comunitária pelas mulheres religiosas cristãs abastadas da aristocracia romana.

O ascetismo feminino no mundo romano nos mostra exatamente as virtudes das mulheres, em contrapartida ao gênero masculino, que era sempre lembrado por tais comportamentos. E, em resumo, o movimento ascético praticado pelas mulheres cristãs na Antiguidade Tardia foi um relevante fenômeno religioso e social (Arjava, 1996; Serrato Garrido, 2000).

De acordo com Teja (1999), a renúncia sexual feminina permitiu que as mulheres da alta sociedade romana, mediante ao exercício da ascese, criassem uma rede de patronato e evergetismo sobre a nova fórmula da caridade cristã que consistia em uma das mais importantes bases econômicas da Igreja e um atrativo para o proselitismo do Cristianismo.

Salienta Clark (1981), de igual maneira, que o protagonismo feminino foi estreitamente ligado ao ascetismo; a renúncia sexual feminina foi uma forma das mulheres se equipararem aos varões celibatários. A vida ascética dessas mulheres fez que elas se sentissem úteis socialmente, diferente se vivessem como casadas sob o jugo dos maridos.

No século IV, significativas famílias ricas romanas se transformaram em cristãs. Com essa postura, muitas mulheres pertencentes a essas famílias vivenciavam uma piedade religiosa de uma forma que as diferenciava das demais mulheres contemporâneas. Algumas entendiam que uma maneira de seguir a religião cristã era renunciar os familiares, a sociedade e as riquezas que marcavam suas vidas.

O caminho ascético cristão foi pertinente para um redimensionamento da atuação do gênero feminino pertencente à aristocracia romana da Igreja Católica no Mundo Tardo Antigo. Dado que as matronas da Antiguidade cristã tiveram um papel singular no processo de cristianização dos altos estratos sociais, na caridade cristã, organização de casas religiosas, na tradução dos textos bíblicos, ajuda material de intelectuais cristãos

Por fim, não podemos deixar de afirmar que entendemos que as mulheres ricas romanas consagradas à vida religiosa cristã – virgens, viúvas e continentes – foram figuras importantes no Cristianismo na Antiguidade Tardia.

Fontes

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Tradução da Paulus Editora. São Paulo: Paulus, 2002.

TERTULLIAN. An Exhortation to Chastity. Translated and Edited by David G. Hunter. In: HUNTER, D. G. *Marriage in the early Church*. Minneapolis: Fortress Press, 1992, p. 39-40.

Referências Bibliográficas

ARJAVA, A. *Women and law in late antiquity*. New York: Oxford University, 1996.

ALEXANDRINA DA SILVA, R. Das comunidades a Roma: o feminino nas comunidades gnósticas e o processo de segregação sexual entre os proto-ortodoxos (séculos I-IV). *Romanitas – Revista de*

Estudos Grecolatinos, Vitória, n. 6, p. 39-57, 2015.

BERNARD, C. A. Ascese. In: FIORES, S.; GOFFI, T. (Org.) *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 50-59.

BOFF, L. *Igreja: Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BROWN, P. Antiguidade Tardia. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. *História da Vida Privada: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 213-401.

BROWN, P. *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CANTARELLA, E. *Bisexuality in the Ancient World*. New Haven and London: Yale University Press, 1994.

CLARK, E. A. Ascetismo. In: FITZGERALD, A. (ed.) *Diccionario de San Agustín*. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 127-132.

CLARK, E. A. Ascetismo pre-agustiniano. In: FITZGERALD, A. (ed.) *Diccionario de San Agustín*. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 132-141.

CLARK, E. A. Ascetic Renunciation and Feminine Advancement: A Paradox of Late Ancient Christianity. *Anglican Theological Review*, Chicago, n. 63: 240-257, p. 175-208, 1981.

CLARK, E. A. *Reading Renunciation: Asceticism and Scripture in Early Christianity*. New Jersey: Princeton University, 1999.

DI BERARDINO, A. (Org.) *Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002.

DROBNER, H. R. *The Father of the Church: a comprehensive introduction*. Peabody: Hendrickson Publisher, 2007.

FOUCAULT, M. O combate da castidade. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 25-38.

HUNTER, D. G. *Marriage in the early church*. Minneapolis: Fortress Press, 1992.

HUNTER, D. G. *Marriage, Celibacy, and Heresy in Ancient Christianity: The Jovinianist Controversy*. New York: Oxford, 2007.

ELM, S. *Virgins of God: The Making of Asceticism in Late Antiquity*. Oxford: Clarendon, 1994.

LE GOFF, J. A recusa do prazer. In: ARIÈS, P. et. al. *Amor e Sexualidade no Ocidente*. Porto Alegre: L&PM, 1992, p. 150-162.

LITTLE, L. Monges e religiosos. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006, p. 225-241.

MOLTAMNN-WENDEL, E.; PRAETORIUS, I. Corpo da mulher/Corporalidade. In: GÖSSMANN, E. et. al. (org.). *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 60-67.

MOMIGLIANO, A. *Ensaio de Historiografía Antigua y Moderna*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

RANKE-HEINEMANN, U. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1996.

ROMANO, R. (Dir.). *Enciclopédia Einaudi*, v. 30. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

ROUSSELLE, A. A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma. In: DUBY, G.,

PERRROT, M. (Orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*. v. 1: A Antiguidade. Porto: Afrontamento, 1993, p. 351-407. ROUSSELLE, A. Gestos e sinais da família no Império Romano. In: BURGUIÈRE, A. et al. (dir.). *História da família*. v. 1: Mundos longínquos. Lisboa: Terramar, 1996, p. 203-236.

RUBENSON, S. Asceticism and monasticism, I: Eastern. In: CASSIDAY, A.; NORRIS, F. W. (Org.). *The Cambridge History of Christianity: Constantine to c 600*. Nova York: Cambridge University, 2008, p. 637-668.

SERRATO GARRIDO, M. Instrumentos para la difusión del movimiento ascético em la segunda mitad del siglo IV. In: GINER, C. A.; PASCUAL, M. T. (Eds.). *Actas del Segundo seminario de estudios sobre la Mujer em la Antigüedad*, Valencia: SEMA, 2000, p. 147-154.

SILVA, G. V. A redefinição do papel feminino na Igreja primitiva: virgens, viúvas, diaconisas e monjas. In: SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (Org). *As Identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião*. Vitória: EDUFES, 2006. p. 305-320.

SIRAGO, V. A. *Cicada enoetium*. Quando ledon nefuronomonache e pellegrine. SoveriaManelli: Rubbettino, 1993.

TEJA, R. *Emperadores, obispos, monjes y mujeres: protagonistas del cristianismo antiguo*. Madrid: Trotta, 1999.

TORRES PRIETO, J. M. A História de unmonjehereje: Joviniano y elconflicto entre matrimonio y virgindade enelsiglo IV. In: MAR MARCOS, M. (Ed.). *HerejesenlaHistoria*. Madrid: Trotta, 2009, p. 49-75.

Artigo recebido em: 22/01/2019

Artigo aceito em: 17/05/2019